

GESTÃO PÚBLICA

A desastrosa gestão do combate ao Ebola

PESQUISA EM FOCO:

Resposta à emergência de um biodesastre: Epidemia do Ebola no Oeste da África

José Carlos Barbieri,
Álvaro Escrivão Junior,
Renata de Oliveira Silva,
Artur Cesar Sartori Lopes e
Dafne Oliveira de Morais

As ações ineficientes da comunidade internacional mostram que é necessário desenvolver novos modelos e instrumentos para lidar com biodesastres de larga escala.

OBJETIVO **IDENTIFICAR OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFISSIONAIS HUMANITÁRIOS EM UMA OPERAÇÃO EMERGENCIAL DE RESPOSTA A UM BIODESASTRE, A PARTIR DO CASO DA EPIDEMIA DO EBOLA.**

RAIO X DA PESQUISA

- Análise de comunicações de mídia, jornais científicos e relatórios.
- Realização de entrevistas com quatro profissionais humanitários que participaram da operação da resposta à epidemia do Ebola em 2014 no Oeste da África pelas maiores e mais relevantes agências e organizações humanitárias do mundo.

RESULTADOS

- O medo de contágio representou o maior desafio para o recrutamento de profissionais de saúde, pois a taxa de letalidade do Ebola chega a 90%.
- Com a resposta tardia e insuficiente da comunidade internacional, houve dificuldades em prever ações diárias. O planejamento era reavaliado de acordo com o momento, o que aumentou ainda mais a sensação de insegurança dos profissionais em campo.
- A eficácia da logística para apoiar as ações de campo foi comprometida nesse processo de difícil planejamento, provocando rupturas nos suprimentos de medicamentos, equipamento de proteção individual e em outros materiais necessários.

O QUE HÁ DE NOVO

- O risco do Ebola foi subestimado pela comunidade internacional, resultando em ações ineficientes. Houve insuficiência de recursos humanos, materiais e financeiros, além de desconhecimento antropológico e social das áreas afetadas, e falhas na tomada de decisão.
- A pesquisa revela a dificuldade em se usarem procedimentos de logística humanitária convencional diante de problemas mais severos. A experiência anterior com a epidemia do Ebola, antes restrita a regiões rurais e florestas, não se mostrou adequada quando o vírus expandiu-se para um ambiente urbano, o que mostra a necessidade de desenvolvimento de novos modelos e instrumentos de gestão para lidar com biodesastres expandidos.
- Deve-se levar em consideração a baixa resiliência dos vários envolvidos para responder a biodesastres, manter as funções e retornar rapidamente às funções anteriores.



Fale com o autor:
José Carlos Barbieri – jose.barbieri@fgv.br